

**SOCIEDADES
POLARIZADAS?**

**DESAFIOS
PARA A
SOCIOLOGIA**

XII CONGRESSO
PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

4 - 6 ABRIL 2023

CONVENTO DE SÃO FRANCISCO – FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

XII Congresso Português de Sociologia

Sociedades

Polarizadas?

Desafios para a

Sociologia

Coimbra, 4 a 6 de abril de 2023

**Secção/Área temática: Sexualidade e Género
Emoções e Patriarcado: o “novo homem” e o feminismo.**

SIMÕES, Inês; Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra;
3004-512 Coimbra; Portugal; simoesines0000@gmail.com

Resumo

A sociologia das emoções representa uma nova ferramenta para analisarmos como as emoções afetam os modos de relacionamentos entre géneros. No contexto feminista, esta premissa adquire uma importância acrescida, já que, a partir destas considerações, podemos entender quais as expectativas emocionais e performativas ligadas à vivência da masculinidade e feminilidade heteropatriarcais. Autores como bell hooks ou Paul Kivel têm procurado, assim, perceber como a inserção no patriarcado pode ser prejudicial, sobretudo, ao género masculino pela obrigatoriedade de este ter de excluir de si elementos emocionais, tidos como femininos e menores. Neste sentido, será objetivo do presente ensaio demonstrar como o feminismo ambiciona redefinir esta masculinidade hegemónica e mutiladora, através das emoções e do seu papel na construção de masculinidades e feminilidades dissidentes. Serão relevantes os contributos de Judith Butler e Betty Friedan que, através da luta pela igualdade de género, ambicionaram criar um "novo homem" livre de restrições emocionais.

Palavras-chave: Emoções, Patriarcado, Género, Feminismo.

XII-APS-45995

Emoções e o seu papel na luta feminista

A sociologia das emoções representa uma nova forma de analisarmos, quer a nível macro, quer a nível micro (Fields et al., 2006), como as emoções afetam ou criam novos modos de relacionamento entre membros de uma determinada sociedade. Analisar como estas evoluem, como uma determinada sociedade se sentiu num determinado momento será, efetivamente, a premissa e o mote para o ensaio que se segue, já que a reflexão sobre esta evolução e correlação entre pessoas e emoções pode constituir-se como informação subliminar que nos auxilia no entendimento das relações, que não só desembocam dessas mesmas emoções, mas também que as personificam (Jaggar, 1989).

A sociologia das emoções é, assim, o meio mais útil para tal análise, já que é seu intuito retirar as emoções do meio privado e da análise secundária a que sempre estiveram votadas (Bernardo, 2016). Com efeito, já desde os anos 70 e 80 do século XX, que estas adquirem uma nova relevância, longe do mero nível biológico ou psicológico, adquirindo pertinência enquanto fenómenos sociológicos independentes, não apenas em relação a algo mais (Bernardo, 2016).

De facto, após um período de excessiva racionalização das sociedades modernas, tem sido propósito desta disciplina refletir sobre um “*emotional turn*” societal que, nos últimos anos, tem procurado apelar ao nosso lado emocional, de modo a não só contrariar o individualismo moderno, mas também de modo a entrarmos em contacto com o nosso “verdadeiro eu” (González, 2017).

Neste sentido, dentro da sociologia das emoções, têm sido várias as teorias utilizadas para compreender este fenómeno, colocando cada qual a tónica no elemento que melhor considera fornecer explicações para tal: classe social, política, cultura (Turner & Stets, 2006). No decorrer do ensaio, darei mais ênfase às explicações culturais, sendo aqui cultura definida como o conjunto de símbolos criado por uma sociedade para regular as suas interações e comportamentos (Barrett et al., 2016), sendo que a partir deste elemento, esta disciplina tem procurado demonstrar como as emoções não nascem já inscritas em nós, sendo sim resultado do contexto cultural em que nos inserimos.

Uma das teorias que melhor incorpora esta ideia será, assim, a teoria dramatúrgica que depreende nas emoções um construto social e um papel “escrito” para cada um de nós “representar” e “atuar”, segundo culturas e valores dominantes, para uma audiência que, repetidamente, nos observa (Barrett et al., 2016; Turner & Stets, 2006). Dá-se, por isso, prevalência às emoções que nos incumbem de atuar em cada momento- o que sentir, como

sentir (Barrett et al., 2016)- segundo “*display*” e “*feeling rules*”, ou seja, segundo regras pelas quais nos devemos guiar para representar esses mesmos papéis. Outros elementos relevantes serão também o “*emotional management*” - a gestão das emoções- e o “*emotion work*” - ou seja, o trabalho que se emprega para fazer essa mesma gestão (Turner & Stets, 2006) e cumprir com as emoções dominantes. As emoções farão, portanto, parte de uma “*performance*” que, no seio da cultura dominante, pode variar segundo etnia, género, classe; pode determinar quem tem (ou não) poder; pode criar, até, sentimentos de vergonha e de culpa quando não se cumpre com esse guião pré-determinado (Barrett et al., 2016).

Percebemos, por isso, como, dentro da teoria feminista, é fulcral empregar estas conceções para descobrir qual a relação existente entre género e emoções, sendo as emoções definidas como respostas universais a estímulos externos (Fields et al., 2006) e que, normalmente, ocorrem em cada género. Assim, é impreterível analisar como é que, através destas, grupos sociais se mobilizam em torno do combate ou defesa das desigualdades de género (Fields et al., 2006); como é que estas determinam relações de poder; como é que condicionam as relações interpessoais entre género masculino e género feminino (Jaggar, 1989).

Serão, deste modo, de relevar os conceitos de masculinidade e feminilidade que, para além de estereótipos em si imbuídos, têm em si também enraizados um conjunto de emoções predeterminadas (J. E. Stets & Turner, 2006), que, mais do que estabelecer um suposto equilíbrio entre os dois géneros, estabelece uma relação de dominação e controlo genderizada (J. E. Stets & Turner, 2006) que só pode ser alcançada no rígido cumprimento das “*performances*” exigidas pela cultura dominante.

Emoções, poder e desigualdades

Como podem, contudo, estas expectativas relativas ao comportamento de cada género influenciar o seu desenvolvimento, sobretudo, do *género masculino*?

Vários autores tentaram explicar este mesmo fenómeno. Deram-lhe, inclusive, vários nomes: bell hooks chamou-lhe de “automutilação psíquica” (hooks, 2004); Chimamanda Ngozi Adichie de “jaula pequena e dura” (Adichie, 2021); Paul Kivel de “caixa de homem” (Kivel, 1999). De facto, não obstante, serem conceitos distintos, todos eles procuram explicar este rito de iniciação do patriarcado a que o género masculino está sujeito- um rito de “estoicismo emocional” (hooks, 2004), partilhando todos eles a ideia de que existe uma cultura dominante que impõe ideologias emocionais aos homens.

O que procuram explicar é, assim, o fenómeno através do qual, ainda antes de se incutir dominação pelo género feminino e restantes grupos “anormais” perante ditames patriarcais,

se incute uma ideia de destruição de certos comportamentos e emoções, tidos como inadequados para o género masculino. Conquanto isto, esta exclusão deliberada de certos elementos emocionais vai impedir o desenvolvimento intelectual e mental dos homens, exigindo-se, no fundo, que estes “matem” a sua parte emocional (hooks, 2004). Só assim conseguirão inserir-se no patriarcado e cumprir com a sua “*performance*”.

Tal resulta de processos de socialização que os obrigam a omitir de si emoções e sensações que, tidas como femininas e menores, se percebem como incapazes de incutir controlo- objetivo último do homem dentro desta estrutura patriarcal. Consequentemente, estas vítimas masculinas do patriarcado ficam num estado que bell hooks chama de “emocionalmente deficientes”, participando num sistema que, mais do que os mutilar, lhes retira autoestima, tentando, posteriormente, restituí-la nas práticas de poder nocivas imbuídas no ser-se másculo (Adichie, 2021).

Os homens aprendem, por isso, desde a mais tenra infância a eliminar de si sentimentos de empatia, tristeza- que não “são de homem” (Marques, 2021)-, sendo- lhes retirada uma parte da sua humanidade (Adichie, 2021), sob a ameaça de serem apelidados de “inferiores”, “efeminados” (Kivel, 1999). Tal, todavia, atrofia as relações entre género masculino e feminino, já que esta dinâmica, e constante tentativa de recuperação da autoestima do homem, irá acontecer à custa da mulher e da sua submissão e violentação, e, inclusive, à custa dele próprio.

As emoções aparecem, então, como construções sociais, inseridas dentro de uma estrutura macro de desigualdade e de poder, não como algo orgânico e biológico, que determina, à partida, como devemos agir, sem ter em conta os contextos sociais e culturais em que nos inserimos (Pease, 2012). Este trata-se, com efeito, de um processo de socialização constante (Marques, 2021) para o qual parece não haver escapatória, já que estas formas condicionadas de agir nos são doutrinadas, por vezes até subliminarmente, pelos meios de comunicação social, família, amigos, escola. É, em suma, uma “cultura que se torna destino” (Butler, 2017), na forma de convenções sociais e papéis de género.

Emoções, masculinidade e feminilidade

Mas que conceções de masculinidade e feminilidade perduram para que estes contrastes sejam tão indispensáveis à manutenção da sociedade patriarcal?

Ainda que difíceis de definir, a verdade é que podemos, em cada conceito, denotar certos comportamentos que os separam e que, subsequentemente, genderizam o campo das

emoções (Pease, 2012), criando “*performances*” e “regimes emocionais” distintos para cada gênero.

Na masculinidade, encontramos a já referida incapacidade de poder sentir. Encontramos, também, uma tendência para a iliteracia emocional (Pease, 2012), na medida em que, em circunstâncias de maior vulnerabilidade, não existem as capacidades necessárias à gestão dessa emoção “*outlier*”. A masculinidade será, por isso, associada ao pensamento e à racionalidade, não existindo espaço para as emoções, incapazes de providenciar sensações de poder (Pease, 2012). O homem é, portanto, aquele que é “forte”, “duro”, “autossuficiente” (Marques, 2021) e o poder, na visão patriarcal, só poderá advir de quem é portador destas mesmas características e de quem racionaliza, não de quem sente.

Há, assim, nesta esfera, uma limitada aptidão para a intimidade e para a expressividade emocional (O’Neil, 1981), tendo isso repercussões nefastas não só em termos do desenvolvimento do homem, a nível racional e emocional, mas também em termos das suas relações de intimidade com mulheres, de onde ressaltam, por vezes, situações de codependência emocional (Marques, 2021). Esta alexitimia emocional, simbiótica da vivência de uma masculinidade hegemónica, desemboca, por sua vez, em comportamentos de riscos, como o alcoolismo, o homicídio, o suicídio e até violência contra as mulheres (Marques, 2021), como meio de tomarem controlo de si próprios e de reafirmarem a sua posição de superioridade face aos restantes. Como menciona Nelson Marques (2021), muitos homens “sacrificam a própria vida na procura incessante de mostrarem que são machos”, sendo que “são os que mais matam e mais morrem para provar que são homens”, o que demonstra a perigosidade deste estilo de vida e a necessidade impreterível de se provar, por meio de situações de vida ou de morte, o que é, verdadeiramente, ser-se homem.

Estas são, portanto, as características de quem se insere dentro da “caixa de homem” (Kivel, 1999), uma caixa que entende um espaço limitado de ação e de emoção, mas onde os homens devem inserir-se em todos os momentos, correndo o risco de- fora dela- serem humilhados e violentados. A masculinidade é, assim, um espaço apertado, fechado de vivências e emoções, sendo que tudo o que está fora desse espaço deve estar ausente do ser-se homem por ser inerentemente feminino. A feminilidade, podemos dizer, é o espaço negativo da masculinidade, a sua (in)completude.

Masculinidade e feminilidade são, por isso, encaradas como a negação total de tudo o que o outro representa (Butler, 2017), já que tudo o que está fora da caixa- leia-se, tudo o que é feminino- deve ser automaticamente repudiado, não existindo qualquer possibilidade de permeabilização entre os dois planos (O’Neil, 1981).

A feminilidade rege-se, deste modo, no campo das emoções. Define-se pela ausência da

masculinidade, ou seja, pela ausência de razão. Aparece como o "segundo sexo", (Beauvoir, 2009)- o *outro*-, como o que não é universal, não lhe sendo permitida existência própria ou representatividade (Butler, 2017). Feminilidade é, assim, encarada como o que é particular, genderizado, não androcêntrico- o *objeto*, nunca o *sujeito* (Butler, 2017). É, enfim, onde predominam as emoções (Pease, 2012), sendo que é ao que é feminino que está reservado o campo da vulnerabilidade e da fragilidade, por oposição à força e proteção reservadas ao género masculino. Estamos, assim, perante uma complementaridade forçada e socialmente construída entre os dois géneros, de modo a gerar o tão almejado equilíbrio: "Quanto mais duro um homem acha que deve ser, mais fraco será o seu ego. E fazemos ainda pior com as raparigas, porque lhes ensinamos a cuidar do ego frágil do sexo masculino" (Adichie, 2021). Neste sentido, a feminilidade, enquanto a masculinidade existe enquanto demonstração de poder e dominância, é, ao invés, conceptualizada na subordinação e na fraqueza.

Assim, não importa aqui repensar a masculinidade como devendo ser mais feminina, pois tal, devido ao carácter de subordinação desta última, seria impossível, mas sim repensar a relação dualística entre estes dois conceitos, pensar a masculinidade numa outra esfera, que não a de hegemonia e incapacidade emocional que, como veremos, pode afigurar-se como lesiva à feminilidade.

Emoções e violência de género na intimidade

Deste modo, quando pensada dentro da "jaula pequena e dura", a masculinidade tem repercussões lesivas para com os restantes membros da sociedade (Enander, 2011) e, em particular, para com as mulheres.

Não obstante o pressuposto de equilíbrio, a verdade é que a existência de uma masculinidade hegemónica pressupõe uma feminilidade submissa e à sua mercê. E, de todos os âmbitos, é na intimidade que estas diferenças mais se exacerbam, devido à premissa de controlo masculino que, aos olhos do patriarcado, confere legitimidade ao homem para tomar como sua as mulheres, sendo estas as principais vítimas quando o primeiro acredita que falha com a sua "*performance*", transpondo para as mesmas o seu insucesso emocional (Kivel, 1999; J. Stets & Turner, 2014). É, de facto, neste campo, que a genderização das emoções mais se destaca, colocando em clara evidência os "códigos de masculinidade" mandatórios aos homens (J. Stets & Turner, 2014)

Esta violência na intimidade pode, deste modo, manifestar-se na forma de violência

física, verbal, emocional, sexual (Bliton et al., 2016), sendo que esta incursão pela violência é reflexo dos meios de socialização, que condicionam a masculinidade ao uso da força como forma de obter controle, autoestima (Bliton et al., 2016), com esta violência a ser, efetivamente, o seu único “*outlet*” para o gênero masculino se expressar e emocionar (Kivel, 1999). O “*emotional management*” não consegue, nesta situação, ser feito, dado o desconhecimento de outros instrumentos, não danosos, para libertar frustrações. Estas não são, como vimos, ferramentas disponíveis ao gênero masculino, por serem aquelas que ele é obrigado a retirar de si, por meio da “*automutilação psíquica*”. Consequentemente, o mesmo torna-se incapaz de lidar com a vulnerabilidade, sendo esta o resultado de uma suposta inadequação perante as obrigações patriarcais (Berke et al., 2019), de uma possível ameaça ao seu poder e estatuto. É quando o homem não se sente inserido que vai procurar provar o seu lugar (Berke et al., 2019), fazendo uso dessa única ferramenta que tem ao dispor: a violência (Berke et al., 2019).

Os “*feeling rules*” de homens e mulheres vão, assim, ter em conta estas características, refletindo-se num homem dominador, violento, e numa mulher apaziguadora, destinada a conformar-se com a sua condição e a incorrer em “*emotion work*”, como tática preferida de aceitação e normalização da situação que atravessa (Enander, 2011). Este “*emotion work*” passa pela adequação das emoções da mulher às emoções do homem- através de um “*deep acting*” (Enander, 2011; Tarzia, 2021), leia-se, através de táticas de representação que procuram alterar as suas emoções de modo a cumprir com as prescrições culturais de gênero (Enander, 2011). Enquanto responsável por sentir, ser vulnerável e cuidar (J. Stets & Turner, 2014), nada mais resta ao gênero feminino senão acomodar os seus valores aos da contraparte masculina.

De todas as violências enunciadas, a violência sexual é das que melhor retrata este esforço emocional, por um lado, e esta desconsideração, por outro. Com efeito, é aqui que as construções sociais melhor fazem o seu trabalho de inculcar nas mulheres a ideia de subserviência, de modo a poder atuar segundo o papel que lhe foi destinado, mesmo não sendo essa a sua vontade. As situações de discordância de vontades e prazeres, entre gênero masculino e feminino são, neste âmbito, inúmeras: ou a mulher não quer, não deseja, ou não tem a mesma predisposição sexual que o seu parceiro masculino. Não obstante, faz parte do seu papel a submissão à vontade do homem. E o “*emotion work*” que a mesma emprega para se coadunar às exigências culturais e patriarcais, vai servir o propósito maior de a proteger desses possíveis ímpetos impulsivos e violentos do homem, resultantes dessa ameaça de estatuto e posição. Nestes contextos, inclusive, Tarzia (2021) refere que a autonomia da mulher sobre o seu corpo não existe, sendo o único escape

possível a capacidade de conseguir controlar as suas emoções e de fazer uso de técnicas de dissociação e de conformação face ao que está a acontecer. As emoções revelam-se, por isso, como um meio de a mesma lidar com o seu abuso, ainda que, para tal, se faça crer de que a situação em que se encontra “não é assim tão má”, permanecendo nessas relações abusivas (Tarzia, 2021). Efetivamente, acredita que é aquela a sua premonição e o “amor romântico” que almeja, tantas vezes promovido na tentativa de levar a mulher a permanecer com o “monstro”, por se crer que o mesmo é bom por dentro, apesar da violência patente nos seus comportamentos (Enander, 2011).

É de notar, por isso, um grave caso de “desregulação emocional” masculina (Bliton et al., 2016), indutora de stress, e com consequências emocionais negativas, sobretudo, para a mulher, sistematicamente tomada como submissa e emocional em situações de intimidade. Consequentemente, mesmo quando vitimizada e violentada, o género masculino faz uso da sua posição de poder para a fazer crer de que a culpa é sua, de que foi ela que o provocou e levou a tal, pois não soube cumprir com a sua “*performance*” e adequar as suas necessidades emocionais às da sua audiência masculina (J. Stets & Turner, 2014).

É urgente, em suma, questionar esta masculinidade que legitima o uso da violência como meio de impor o seu controlo para com o género feminino (Kivel, 1999).

Emoções no repensar da masculinidade

À semelhança do já ocorrido na segunda vaga feminista, onde a feminilidade foi questionada para além de paradigmas adquiridos na vivência em sociedade (Friedan, 1963), também o mesmo ocorre atualmente com a masculinidade, através de reflexões sobre como o ser-se homem é socialmente construído; sobre como as suas práticas de reiteração (Butler, 2017) talvez sejam simplistas, passando este conceito por algo muito mais significativo que a mera demonstração de força e poder.

Não obstante, o problema atravessado pelo género masculino não é um “sem nome” (Friedan, 1963), é um até com práticas bastante significativas e facilmente identificáveis. É, com efeito, o mesmo problema que se colocava às mulheres dos anos 60, ainda que noutros moldes: o patriarcado.

E, assim, paralelamente a Friedan, também as seguintes questões se colocam relativamente à “*masculine mystique*” (O’Neil, 1981): será que a masculinidade passa apenas por esta primazia da hegemonia e da superioridade? Não existirá outra maneira de ser homem, longe desta virilidade antiquada e mutiladora?

As definições até agora apresentadas parecem, efetivamente, já descontextualizadas (Delap, 2018) face àquelas que são hoje as necessidades da sociedade que, cada vez mais, exige desta masculinidade um novo desenho que não se prenda apenas com a inexpressividade emocional, sobretudo, com a incapacidade de os homens se relacionarem com a restante sociedade sem ser nestes moldes. Parece haver, desde há já algum tempo, uma “*crisis in masculinity*” (Magnuson, 2007) e que precisa, de algum modo, de ser resolvida ou, pelo menos, repensada.

Questões sobre o que é ser homem começam, assim, a ser crescentes e a necessidade por uma maior compreensão e literacia emocional premente. Passamos, de facto, pelo já mencionado período de “*emotional turn*” (González, 2017), onde as emoções, e a gestão das mesmas, é urgente.

Neste sentido, têm sido várias as teorias que procuram repensar a situação do homem na sociedade: umas procuram repensar esta “nova masculinidade”, no âmbito de uma viragem emocional, apenas no espectro do masculino; outras, todavia, estão mais focadas na introspeção emocional ao nível de todos os seus elementos da sociedade, tidos como cúmplices neste atrofiamento emocional.

Existe, portanto, uma necessidade inescapável de se explorar esta masculinidade, para além do espectro da heteronormatividade, mais do que somente a redefinir ou conceptualizar.

Emoções como subversão: o movimento mitopoético

Uma das formas de explorar essa masculinidade, e subsequentes emoções, surgiu com o movimento mitopoético, que ganhou popularidade nos anos 80 e 90 do século XX, por incentivo de autores como Robert Bly (Messner, 1993).

Este movimento consistiu na utilização de técnicas de autoajuda e de métodos terapêuticos, sobretudo, em retiros, de modo a que os homens que neles participavam entrassem em contacto com o seu “eu interior” e com a sua masculinidade (Messner, 1993), considerada perdida com a modernidade e com a industrialização, inclusive, com o avanço do feminismo. Era, assim, imperativa a criação de um “novo homem”, um que estivesse em sintonia com as suas necessidades emocionais, que recorresse a outros homens para procurar ajuda e suporte emocional (Magnuson, 2007). Era do seu intuito a reconfiguração da masculinidade tradicional e hegemónica, criar métodos de a incorporar nesta nova e moderna sociedade (Magnuson, 2007). Robert Bly faz, até, um paralelo entre o movimento feminista e o movimento mitopoético ao referir que existem “valores femininos” e “valores masculinos”, e que, após a conquista desses primeiros pelas mulheres, restava agora

recuperar a voz perdida dos homens (Messner, 1993).

Porém, apesar de inocente à primeira-vista, este movimento acabou por revelar o seu carácter dual e nefasto. Foi acusado de impulsionar masculinidades tóxicas e comportamentos prejudiciais ao ser masculino, como o não procurarem ajuda; o reprimirem ainda mais as suas emoções; o ambicionarem dominar as mulheres física, sexual e intelectualmente, desvalorizando o seu corpo e opiniões. Tal resulta de uma separação inerente entre os dois géneros, defendida pelo movimento, e vista como a única maneira de recuperar essa masculinidade perdida, de retornar à sua verdadeira essência. Ritos de iniciação a esta mesma masculinidade estavam, por isso, na ordem do dia e eram, inclusive, necessários para que o “verdadeiro homem” pudesse ser alcançado (Messner, 1993). O objetivo último era o de retomar a formas de organização da sociedade tribais e primitivas, longe da modernidade e da complexidade que a sociedade dos seus dias oferecia.

Mas este movimento foi também muito criticado pelos movimentos feministas, já que, apesar de fornecer uma alternativa aos dilemas atravessados pelo género masculino- uma que parecia lidar com o problema da “automutilação psíquica” - a verdade é que o mesmo acabava por reforçar concepções tradicionais de masculinidade (Messner, 1993), não pondo em causa o poder que lhes era conferido, a sua hegemonia e almejada superioridade (Messner, 1993). E, assim, apesar de procurar ser um paralelo ao movimento feminista, como já referido, o que acabou por acontecer foi uma falta de análise crítica, uma que reconhecesse que o pleno desenvolvimento do género masculino era impedido não por falha propositada da sociedade ou dos pares com quem conviviam, mas sim por falha e culpa do sistema patriarcal.

Não tomavam, portanto, consciência de que, apesar do estado de “*deep inner misery*” (hooks, 2004) em que eram deixados pelo patriarcado, os homens não eram as suas principais vítimas e lesados; que continuavam, acima de tudo, a beneficiar dos privilégios associados a essa melancolia interior. Ignoravam, deste modo, as relações de desigualdade decorrentes do sistema, as suas origens e as razões estruturais e políticas que os tornavam emocionalmente incapazes. O movimento mitopoético primava pelo contornar e eliminar dos malefícios de se estar no topo (Magnuson, 2007), leia-se, pelo contornar e eliminar da incapacidade de o género masculino se poder desenvolver a nível emocional e espiritual, mas sem, no entanto, priorizar a sua saída do sistema opressor, por receio de perderem os privilégios associados a tal estatuto e posição de poder (Messner, 1993).

Pareciam, portanto, ignorar as relações de poder em que estas emoções eram construídas (Pease, 2012), ignorando também a possibilidade de utilização das mesmas enquanto um

elemento de submissão e de perpetuação de desigualdade. Assim, não obstante o intuito de se utilizarem as emoções para incutir mudança, a verdade é que essa não se afigurava como uma mudança benéfica para a totalidade da sociedade. Parecia nem sequer ser uma mudança benéfica ao próprio gênero masculino, devido a uma vontade oculta de continuar a fomentar estigmas e ideais tradicionais de masculinidade, a eles prejudiciais, como se tem vindo a observar.

Não havia, em suma, uma clara indicação de que esta maior procura pela espiritualidade e pela verdadeira masculinidade fosse ser vantajosa para as relações íntimas com terceiros ou fosse sequer contornar a questão da autoestima perdida. Havia, apenas, o perpetuar de uma cultura dominante, enganadora à audiência que assistia a esta “performance” e que, procurando mudança, encontrou apenas ilusão.

Emoções como libertação: o amor em bell hooks

Bell Hooks, por outro lado, tem uma visão contrastante da acima pronunciada (hooks, 2004), apesar de também ver e depreender no gênero masculino, o ser incapacitado de sentir, de se expressar e de se emocionar.

Apesar disso, segundo a mesma, esses são os resultados de um sistema patriarcal que, querendo ter os homens como a fação dominante, lhes impõe modos de agir, e de comportar, adversos à sua vivência em sociedade, sem qualquer consideração pela sua felicidade, bem-estar e, acima de tudo, pelo amor que este dá ou recebe.

Assim, o foco de bell hooks será neste amor que, de modo geral, não é falado nos homens, que não lhes é permitido sentir e que não lhes é dado (2004). Esta é uma ideia também partilhada por Paul Kivel que refere que, a inserção na “caixa de homem”, passa muitas vezes pela falta de afeto de pais para filhos, com receio de que esse afeto e carinho os vá tornar vulneráveis, fracos- femininos (1999). Para o autor, esta falta de afeto é tomada como abuso emocional, que não para por aí e que pode, posteriormente, ramificar-se em abuso sexual, físico, psicológico (Kivel, 1999). E esta falta de algo tão elementar, mas ainda assim tão complexo, cria ramificações que, não detendo o patriarcado, apenas lhe dão espaço para ele se propagar e difundir. Denotamos, então, que é através desta falta de amor e de afeto que estes dois autores constroem o ser masculino como é hoje compreendido em sociedade.

Vai ser, por isso, de relevar a importância que bell hooks dá também à mulher na desconstrução da ideia patriarcal de um homem emocionalmente mutilado. Também a mesma pode, efetivamente, ser cúmplice e parte culpada na mutilação perpétua e incessante

a que o homem parece estar votado (hooks, 2004). Com efeito, não só toma parte nesses comportamentos comprometedores de sanidade mental, como justifica os abusos e a violência a que está exposta em supostas diferenças culturais e biológicas entre os dois géneros, favorecendo, ainda que inconscientemente, a manutenção do sistema: *“Every day women explain away male violence and cruelty by insisting on gender differences that normalize abuse.”* (hooks, 2004).

Logo, para bell hooks, os cúmplices deste sistema e da sua expansão ao longo do tempo, somos todos nós, homens e mulheres, que, mesmo lutando pelo término dos valores e das ideias patriarcais, não damos o devido valor a toda a carga negativa associada ao conceito de masculinidade, à importância que esforços conjuntos entre pessoas feministas-masculinas, femininas- devem ter. Como a mesma reitera, de nada vale ter a emancipação e a luta pela libertação feminina, se tal não vier acompanhado pela reconstrução e redefinição do ideal de masculinidade. De facto, ao invés de lutas e batalhas paralelas, os dois géneros devem enveredar naquilo a que bell hooks chama de uma “masculinidade feminista” (2004) e cuja essência passa pelo empenho e compromisso pela causa da igualdade de género, e pela mutualidade, advogando-se, assim, pela criação de uma vivência partilhada e interpessoal, de modo a que se possa, finalmente, alcançar uma vida livre da violência enquanto demonstração última do que é ser-se másculo. O objetivo final, dentro desta “masculinidade feminista”, será a criação de homens empáticos e fortes, autónomos, mas ainda assim sencientes e conscientes de si próprios, da sua família e da sociedade onde se inserem, sendo o feminismo a peça fulcral em tudo isto. Pede-se, no fundo, que homens amem mais a justiça e a liberdade do que a ideia de masculinidade, já que, só através deste rumo, nos conseguiremos afastar do modelo patriarcal empenhado na destruição da sua vida, por meio de violência, guerra e morte.

Deste modo, são as emoções, e o estarmos conscientes destas, que, em última análise, permitem alcançar humanidade e o caminho para a libertação. Mas, para tal, devemos sempre agir concertadamente entre géneros, já que, como notado por bell hooks, esse caminho não pode ser feito sem ter o outro em conta, ou ficará, logo à partida, deficitário na sua capacidade de ação total.

Emoções: luta ou recuo? Como devem ser pensadas?

Conseguimos, assim, depreender que o ser masculino passa por algo semelhante a uma “crise de personalidade” (Friedan, 1963). Uma que não pode ser simplesmente resolvida

por intermédio de práticas burocráticas, medicinais, mas sim uma que deve passar por práticas culturais, de reeducação de toda uma geração em prol de gerações vindouras (Friedan, 1963). Uma que exige coragem, que exige, à semelhança do proposto por Betty Friedan (1963), a criação de uma “personalidade individual”, a autorreflexão e a autoconsciencialização, devendo este caminho passar, inevitavelmente, pelas emoções. Deve-se ponderar sobre a sua importância; sobre o seu papel fundamental na análise e na luta feminista; sobre o seu peso na criação de culturas e valores dominantes- de “ideologias emocionais”.

Este caminho deve, com efeito, passar por uma reconfiguração das práticas de reiteração que constituem o binário e que o perpetuam, pois, como visto, quer género, quer emoções, apenas constituem “possibilidades culturais” (Butler, 2017), restritas a outros entendimentos e a outras identidades. Perpetuam-se, assim, categorias de poder e hierarquias que predeterminam a maneira como a cada género é permitido sentir, agir, emocionar-se. As próprias experiências emocionais são determinadas por estas dinâmicas contraditórias e hierarquizadas, que servem um propósito político e representativo (Butler, 2017), daí que seja relevante refletir sobre o modo como a sociedade espera que cada género aja e como tal pode, em último caso, delimitar o seu bem-estar e a sua vivência em sociedade- como as “*performances*” emocionais, em última instância, podem ser nocivas.

O peso que as emoções têm de criar um “novo homem” (Messner, 1993), feminista, promotor da igualdade de género, é algo que não devemos ignorar. Crê-se, até, que, quando este “novo homem” for alcançado, os mesmos não sentirão mais necessidade de dominar o género feminino (Messner, 1993) e de o violentarem.

De facto, se Simone de Beauvoir dizia “Não se nasce mulher: torna-se mulher” (2009), também é de relevar que este homem, dotado de masculinidade tóxica, é um que se torna e um que é assim tornado pelo contexto em que se insere, pelo papel que é obrigado a representar. Deste modo, é necessário que essas práticas que tornam homem e mulher no suposto género correspondente passem também por esta reconstrução emocional, por este “emotional turn”, fulcral para questionarmos estas posições de poder e de privilégio, por este restrito sentido de agir emocionalmente- “*Emotions are a site of political resistance to oppression and privilege*” (Pease, 2012).

O “novo homem” será, portanto, um que se liberta da “caixa de homem”, onde foi condicionado, por meio de violência e menosprezo, a ter inevitavelmente de caber (Kivel, 1999).

Por isso, mais do que se pensar em abolir o conceito de masculinidade, ou até mesmo de feminilidade, deve-se primar pela abertura destes mesmos conceitos- pela abertura, ou até

mesmo, pela destruição da caixa do ser-se masculino. Deve-se também prezar pela intercomunicação e permeabilidade entre os dois géneros, através da transposição entre características tomadas como sendo somente de um ou de outro género- de permitir a existência e proliferação de outras identidades que, antes marginalizadas, passariam agora a existir no âmbito do “inteligível” (Butler, 2017). O objetivo final deve, com efeito, passar pela construção de identidades, recorrendo à noção do espírito “andrógino” (Woolf, 2021), não-binário, capaz de conter em si características e traços destes dois géneros como tentativa de alcançar o equilíbrio desejado, ainda que por outros rumos- “É quando esta fusão ocorre que o espírito é todo ele fertilizado e usa todas as suas faculdades” (Woolf, 2021). Se há pouco mencionava a feminilidade como sendo a incompletude da masculinidade, agora os dois âmbitos passariam verdadeiramente, e de modo individual, a ser a completude do respetivo, o caminho necessário para a vivência humana e não mutilada.

A ideia é, portanto, a eliminação de masculinidades hegemónicas em prol de masculinidades dissidentes (Marques, 2021), que quebrem com o paradigma, no intuito de se criarem novos espaços de reflexão crítica entre e para homens, onde haja esse questionamento quer do patriarcado, quer da sua posição privilegiada dentro do próprio, contrariamente ao que acontecera no movimento mitopoético. Procura-se, em suma, a desconstrução da cultura dominante pejorativa ao género masculino e ao género feminino; de uma cultura que é reflexo de uma heteronormatividade nociva e que precisa de ser reconfigurada para incluir outras identidades, para permitir a existência fora do espetro, deixando de incutir modos de agir emocionais performativos e não verdadeiros.

Em suma, é essencial, aludindo de novo a bell hooks, a articulação emocional entre género masculino e feminino. Esse é o único caminho para a libertação de géneros e para a destruição de sistemas patriarcais, sendo o feminismo o instrumento primordial nesta reconfiguração afetiva e emocional (Delap, 2018).

Notas

Por decisão pessoal, a autora do texto escreve segundo o novo acordo ortográfico.

Referências

Adichie, C. N. (2021). *Todos Devemos Ser Feministas* (6ª). Publicações Dom Quixote.

- Barrett, L. F., Lewis, M., & Haviland-Jones, J. M. (Eds.). (2016). *Handbook of emotions* (Fourth edition). Guilford Press.
- Beauvoir, S. D. (2009). *O Segundo Sexo II*. Quetzal Editores.
- Berke, D. S., Reidy, D. E., Gentile, B., & Zeichner, A. (2019). Masculine Discrepancy Stress, Emotion-Regulation Difficulties, and Intimate Partner Violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 34(6), 1163–1182. <https://doi.org/10.1177/0886260516650967>
- Bernardo, A. A. (2016). O campo da sociologia das emoções: Relevância acadêmica e perspectivas de análise. *Revista Urutágua*, 34, Artigo 34. <https://doi.org/10.4025/revurut.vi34.31727>
- Bliton, C. F., Wolford-Clevenger, C., Zapor, H., Elmquist, J., Brem, M. J., Shorey, R. C., & Stuart, G. L. (2016). Emotion Dysregulation, Gender, and Intimate Partner Violence Perpetration: An Exploratory Study in College Students. *Journal of Family Violence*, 31(3), 371–377. <https://doi.org/10.1007/s10896-015-9772-0>
- Butler, J. (2017). *Problemas de Género* (1ª). Orfeu Negro.
- Delap, L. (2018). Feminism, Masculinities and Emotional Politics in Late Twentieth Century Britain. *Cultural and Social History*, 15(4), 571–593. <https://doi.org/10.1080/14780038.2018.1518560>
- Enander, V. (2011). Leaving Jekyll and Hyde: Emotion work in the context of intimate partner violence. *Feminism & Psychology*, 21(1), 29–48. <https://doi.org/10.1177/0959353510384831>
- Fields, J., Copp, M., & Kleinman, S. (2006). Symbolic Interactionism, Inequality, and Emotions. Em J. E. Stets & J. H. Turner (Eds.), *Handbook of the Sociology of Emotions* (pp. 155–178). Springer US. https://doi.org/10.1007/978-0-387-30715-2_8
- Friedan, B. (1963). *A Mística da Mulher* (1ª). Ulisseia.
- González, A. M. (2017). In search of a sociological explanation for the emotional turn. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 85, Artigo 85.
- Hooks, Bell. (2004). *The Will to Change*. Atria Books.
- Jaggar, A. M. (1989). Love and knowledge: Emotion in feminist epistemology. *Inquiry (United Kingdom)*, 32(2), 151–176. <https://doi.org/10.1080/00201748908602185>
- Kivel, P. (1999). *Men’s Work: How to Stop the Violence That Tears Our Lives Apart*. Hazelden.
- Magnuson, E. P. (2007). *Changing men, transforming culture: Inside the men’s movement*. Paradigm Publishers.

- Marques, N. (2021). *Os homens também choram: Histórias da nova masculinidade*.
Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Messner, M. A. (1993). Changing men and Feminist Politics in the United States.
Theory and Society, 22(5), 723–737.
- O’Neil, J. M. (1981). Patterns of gender role conflict and strain: Sexism and fear of
femininity in men’s lives. *Personnel & Guidance Journal*, 60, 203–210.
<https://doi.org/10.1002/j.2164-4918.1981.tb00282.x>
- Pease, B. (2012). The politics of gendered emotions: Disrupting men’s emotional
investment in privilege. *Australian Journal of Social Issues*, 47(1), 125–142.
- Stets, J. E., & Turner, J. H. (Eds.). (2006). *Handbook of the sociology of emotions*.
Springer.
- Stets, J., & Turner, J. (2014). *Handbook of the Sociology of Emotions: Volume II*.
<https://doi.org/10.1007/978-94-017-9130-4>
- Tarzia, L. (2021). Women’s Emotion Work in the Context of Intimate Partner Sexual
Violence. *Journal of Family Violence*, 36(4), 493–501.
<https://doi.org/10.1007/s10896-020-00204-x>
- Turner, J. H., & Stets, J. E. (2006). Sociological Theories of Human Emotions. *Annual Review
of Sociology*, 32(1), 25–52. <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.32.061604.123130>
- Woolf, V. (2021). *Um Quarto Só Seu* (1ª). Penguin Random House Grupo Editorial.